

LISBON TALK

3/2022

Guerra na Ucrânia: Contextos e Realidades

Oradores: **Agostinho Costa | Bruno Cardoso Reis | Diana Soller**

Moderação: **Maria Raquel Freire**

7 de Abril de 2022

Online a partir das redes sociais do Clube de Lisboa



Clube de Lisboa

Nesta Lisbon Talk, o Major-General **Agostinho Costa** e os investigadores **Bruno Cardoso Reis** e **Diana Soller** estiveram à conversa com **Maria Raquel Freire** para analisar as origens, os contextos e os avanços da guerra na Ucrânia.

Decorridas 6 semanas desde a invasão da Rússia à Ucrânia, urge perceber e analisar o papel que este conflito poderá desempenhar na reconfiguração da ordem internacional. Uma guerra que veio pôr em causa o sistema de segurança europeu e desafiar a aliança euro-atlântica, poderá representar uma mudança mais estrutural nas dinâmicas de poder internacionais?

Para **Diana Soller**, mais do que uma alteração às dinâmicas de poder, este conflito veio demonstrar que é atualmente muito mais difícil alcançar soluções pacíficas para situações de guerra. Independentemente das especificidades deste conflito, os processos de negociação têm-se revelado ineficazes na procura de pontos consensuais. Mas considerando, em todo o caso, as suas particularidades, a investigadora sublinha que a invasão russa, tendo em consideração o discurso crescentemente belicista de Vladimir Putin nos últimos anos, vinha sendo cada vez mais premeditada e antecipada.

Agostinho Costa é peremptório ao afirmar que a invasão russa à Ucrânia representa um claro desafio à ordem internacional, onde duas grandes potências - EUA e Rússia - procuram um lugar hegemónico no sistema internacional. Este confronto entre potências dá-se de forma assimétrica. Desde logo pelo facto de que a Rússia apresenta um poderio militar muito mais sofisticado e numeroso que o da Ucrânia. Ademais, enquanto que para a Rússia este é um conflito limitado, para a Ucrânia ele constitui-se total num exercício de sobrevivência. **Agostinho** acrescenta ainda que a Rússia está a conduzir este conflito através de uma abordagem híbrida, conceito que difere aliás da conceção ocidental de guerra híbrida, mas que aposta fundamentalmente na influência de perceções. Esta abordagem reflete-se na importância que é concedida ao controlo do discurso, da narrativa e da informação.

À semelhança dos outros oradores, **Bruno Cardoso Reis** também sustenta que esta invasão russa representa o que tenderá a ser um dos maiores desafios aos sistemas de segurança europeia e internacional do presente século. Em adição, este conflito parece também comprovar uma tendência de crescente competição entre potências regionais que se manifesta na forma de guerras assimétricas, indiretas ou híbridas. O investigador não descarta também a possibilidade deste conflito estar a formar um novo quadro de guerra fria, onde as duas grandes potências - EUA e China - lutam pela defesa das suas esferas de influência e a Rússia desempenha aquilo que foi o papel da China de Mao Tsé-Tung durante a Guerra Fria, ou seja, mantém-se relevante pela sua dimensão e porque cria problemas. Este possível cenário intensificaria a criação de blocos regionais especializados em domínios setoriais, sejam eles tecnológico, militar ou outro.

Maria Raquel Freire demarca-se da posição apresentada por **Diana Soller** ao assumir que a invasão russa não se vinha a constituir eminente. É um facto que, no plano discursivo, era evidente que o espaço pós-soviético se revestia de importância vital para a Rússia, mas nada fazia prever que essa narrativa motivasse uma invasão militar ao território ucraniano. Com a invasão da Ucrânia, parece ter ocorrido uma alteração aos objetivos iniciais da Rússia, uma vez que aquilo que está agora a ser obtido é absolutamente contrário a esses objetivos, nomeadamente expansão da NATO, descredibilização internacional da Rússia, e perda de influência. Existirão, neste contexto, razões lógicas que justifiquem a ação da Rússia? O que pretende a Rússia alcançar com esta invasão?

Em resposta, **Diana Soller** clarifica a sua posição inicial acrescentando que nada fazia prever a invasão russa nas proporções em que ela foi feita. Contudo, olhando para a história da Rússia e da Ucrânia, e recuperando os discursos de Vladimir Putin nos últimos anos, era possível depreender que a questão ucraniana era uma questão mal resolvida. É também de notar que anteriormente à decisão de invasão militar, a Rússia tentou negociar, sem sucesso, com os EUA o estatuto da Ucrânia numa tentativa de retirar toda a presença militar norte-americana do território ucraniano. Neste seguimento, Putin pensou que poderia executar uma invasão limitada à Ucrânia de forma impune para o sistema internacional. Este momento de oportunidade na perceção russa, não descarta, porém, a existência de um discurso

crescentemente belicista desde o terceiro mandato de Vladimir Putin que assentava em três pontos: uma interpretação do direito internacional remetente ao século XIX, onde as grandes potências têm mais direitos que os outros estados; um ressentimento profundo em relação ao ocidente; e um expansionismo nacionalista.

Agostinho Costa ressalta que para a explicação anteriormente dada é necessário também esclarecer que a Rússia sempre foi um império, e por isso nunca se constituiu uma democracia. E como todos os impérios, ou grandes potências, a sua estratégia de base é sempre a procura pela maximização do seu poder, que é feito, na maioria das vezes, via agressão militar. Para este fim, a Rússia define como seu objetivo vital assegurar o controlo sobre o seu espaço estratégico de interesse nacional permanente, no qual se inclui a região da Crimeia, de Kherson e de Donbass (regiões ucranianas). Relativamente a este objetivo, a Rússia acreditava que os exercícios de demonstração militar nestas três regiões seriam suficientes para conduzir os EUA e a NATO a negociar uma nova arquitetura de segurança na Europa.

Por seu lado, **Bruno Cardoso Reis** recupera o discurso de Vladimir Putin aquando do anúncio da invasão no qual são apresentadas as razões para a sua ação: a Ucrânia era governada por neonazis e toxicodependentes; a Rússia deveria desnazificar e desmilitarizar a Ucrânia; e a Ucrânia deveria tornar-se um estado satélite da Rússia. Neste quadro de desvalorização, a Rússia acreditava que seria fácil invadir e conquistar parte da Ucrânia sem ser confrontada com grande resistência nem da própria Ucrânia, nem do ocidente.

Esta confrontação com o ocidente é clara na conceção estratégica da Rússia, diz **Maria Raquel Freire**, e a caracterização deste bloco como frágil e em retrocesso foi fulcral para o avanço russo. O que pode, então, o ocidente fazer para alterar o status quo atual? Serão as sanções económicas suficientes para retrain a Rússia?

Diana Soller declara não ter identificado, desde a proposta oficial em 2008 de George W. Bush de entrada formal da Ucrânia na NATO, mais nenhum pedido ou proposta de entrada deste país na organização, ou sequer

alguma aproximação da Ucrânia ao ocidente que se constituísse como provocação à Rússia. Relativamente à resposta do ocidente, a investigadora defende que esta parte do mundo deveria ter apostado numa ameaça militar mais robusta, pois isso faria a Rússia conter a sua ação na Ucrânia. Para além disto, tudo o resto que podia ser feito, o ocidente já o fez, nomeadamente as tentativas de negociação e a aplicação de sanções económicas. No entanto, por muito que a Rússia passe a ser considerada como um estado pária para o ocidente, não é assim tão certo que a Rússia se isole totalmente e perca apoios de países com quem atualmente mantém boas relações fora do espaço ocidental.

E o que é o ocidente? questiona **Agostinho Costa**. Em termos políticos e culturais, o ocidente encontra o seu epicentro na Europa e estende-se até aos EUA. A Rússia, ainda que contígua territorialmente à Europa, já não se inclui neste bloco político do ocidente. As duas grandes superpotências mundiais - os EUA e a China - estão neste momento em luta de poder pelo seu lugar hegemónico no sistema internacional e, portanto, a Rússia procura com esta invasão um espaço de destaque naquilo que será a nova ordem mundial. Neste quadro, a Europa encontra-se completamente omissa, em grande parte, pelo facto de não possuir um peso estratégico nestas dinâmicas de poder. Para o Major-General este peso apenas poderá ser adquirido quando a Europa construir uma estrutura de defesa coletiva no continente.

Se por um lado há uma clara confrontação entre a Rússia e o ocidente, por outro lado têm surgido propostas de unificação e criação de um espaço político da eurásia - de Lisboa a Vladivostok, vindas de líderes influentes como Dmitri Medvedev. Como podem ser lidas estas propostas tão díspares?

Bruno Cardoso Reis descredibiliza propostas que apontam para a construção de uma comunidade unificada de Lisboa a Vladivostok. O confronto entre a Rússia e a Europa é grande demais para possibilitar sequer que se pense em alternativas deste género. Mas relativamente ao papel do ocidente, o investigador é perentório em afirmar que qualquer acordo que se estabeleça com a Rússia deve incluir a Ucrânia com estatuto igualitário aos demais sentados à mesa das negociações. É igualmente

importante que a Europa se continue a rearmar e, mais especificamente, a modernizar os seus aparelhos militares, apostando no investimento em áreas de vanguarda. Ademais, a continuidade da guerra económica contra a Rússia apenas deve ser mantida se revelar sucessos e não comprometer as economias europeias.

A questão religiosa também comporta grande peso no conflito na Ucrânia. **Bruno Cardoso Reis** afirma que a Ucrânia, sendo um país de grandes proporções territoriais e por se encontrar no leste europeu, apresenta elevada complexidade no que toca à questão religiosa. Grande parte do leste europeu assume-se ortodoxo e a maioria da população ucraniana não sai à regra. Contudo, na região ucraniana de Lviv, que pertenceu anteriormente aos impérios polaco-lituano e dos Habsburgo, revê-se fundamentalmente na vertente ortodoxa católica. Por sua vez, a própria Igreja Ortodoxa Ucraniana também cindiu com o patriarcado de Moscovo o que conduziu ao reconhecimento da sua autocefalia institucional. Contudo, **Cardoso Reis** sublinha que a questão religiosa se revela insuficiente para explicar a situação de conflito, porque se assim fosse, os ortodoxos ucranianos alinhariam com o lado russo. Com efeito, grande parte dos ucranianos russófonos ou russos que vivem na Ucrânia não se identificam com a Rússia atual.

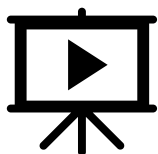
Maria Raquel Freire centra o mote final da discussão nas possibilidades de acordos de paz para o conflito. Recuperando os principais pontos abordados na conversa, e adicionando um novo fator explicativo à discussão - se a Rússia estaria a zelar pela sua integridade territorial face à existência de armas químicas na Ucrânia -, quais os cenários de paz em cima da mesa?

Diana Soller identifica dois erros de cálculo cometidos pela Rússia que estiveram na base da invasão: em primeiro lugar, a Rússia pensou que a Ucrânia e o ocidente estavam num período de grande fragilidade, e em segundo lugar, assumiu que conseguiria derrubar Zelensky em apenas alguns dias.

Bruno Cardoso Reis apresenta dois cenários de desfecho do conflito: Putin tenta minimizar os impactos da invasão e procura acordos de cedência

mínima com a Ucrânia, a UE e os EUA, ou vai continuar a escalar este conflito de uma forma cada vez mais violenta e perigosa.

Agostinho Costa finaliza dizendo que a ofensiva militar russa revelou-se completamente ineficaz, tornando-se até difícil compreender os seus objetivos finais. Desta forma, torna-se igualmente difícil apresentar cenários de paz ou de fim do conflito.



Assista a esta sessão no nosso canal de Youtube:

<https://www.youtube.com/clubedelisboa>

O Clube de Lisboa visa projetar a capital do país como espaço de reflexão, debate e intervenção sobre a agenda internacional, com realce aos temas do desenvolvimento sustentável, da globalização e da segurança e com particular atenção aos desafios estratégicos para o futuro e o papel de Portugal na Europa e no mundo.

[#clubedelisboa](#) [#lisbontalks](#)



INFO@CLUBELISBOA.PT

Rua S. Nicolau, 105, 1100-548 Lisboa | +(351) 213 256 302

www.clubelisboa.pt